

Senado Federal Presidente reúne senadores para formar bloco

BRASÍLIA — Com o argumento de que precisa ter sustentação no Congresso para assegurar a governabilidade do País, o Presidente Collor decidiu, faltando apenas três dias para o fim dos trabalhos legislativos, investir na sua base política e formar, no Senado, um bloco de apoio a seu Governo. Na Câmara, o processo é mais lento e, segundo interlocutores do Governo, passa pela substituição de líderes de partidos aliados.

O Presidente reuniu 33 Senadores de vários partidos — PFL, PDS, PRN, PDC, PST, PSC, PTB e até PMDB — simpáticos ao Governo na noite de segunda-feira em seu Gabinete, no terceiro andar do Palácio do Planalto, durante três horas, para anunciar sua decisão. Ele apresentou quatro alternativas: a fundação de um novo partido reunindo todos os senadores aliados; a fusão destes partidos; trabalhar com uma "maioria fluida" ou a formação do bloco governista.

Para cada uma das propostas, Collor respondeu objetivamente. Sobre viveu a proposta do bloco, excluindo-se, desde o início, a idéia de eleger o Presidente do Senado. O Presidente considerou também inoportuna a criação de um novo partido político neste final de legislatura e mostrou as dificuldades de fusão imediata dos partidos que o apoiam. E, também, não quer ter diariamente o problema de negociar — a cada votação no Congresso — a maioria de apoio. Ao defender o bloco, o Presidente revelou-se um parlamentarista convicto.

— Até agora, estávamos correndo atrás da bola para chutá-la para escanteio — completou o Senador Jorge Bornhausen (PFL-SC), um dos de-

fensores da formação do bloco de apoio ao Governo.

Com o bloco, segundo o Senador, está assegurada a maioria e evita-se a obstrução da pauta. E concluiu que para a implantação do parlamentarismo é preciso que o Congresso recupere sua imagem e que os partidos se fortaleçam.

O grupo de senadores que apoia o Governo chegou ao Palácio do Planalto dividido, mas o Presidente apresentou logo sua decisão. O Líder do PRN, Senador Ney Maranhão, manifestava-se contra a formação do bloco e pretendia a maioria informal porque está compromissado com o Senador Mauro Benevides (PMDB-CE) para a Presidência do Senado. Já os Senadores Marco Maciel (PFL-PE) e o eleito Guilherme Palmeira (PFL-AL) estimulam a idéia do bloco para retirar das mãos do partido majoritário a condição de indicar o Presidente.

Para aplacar as divergências, o Presidente Collor, de imediato, retirou da discussão a questão da Presidência do Senado, assunto a ser tratado somente em janeiro. E insistiu na necessidade de o Governo ter maioria no plenário e nas comissões técnicas.

Ontem, o Presidente voltou a encontrar-se com Senadores aliados — desta vez, somente do PFL — em almoço na casa do Senador Marco Maciel. O assunto foi novamente o bloco governista, já na perspectiva da próxima legislatura. Estavam presentes o Senador eleito Henrique Almeida (PFL-AP) e o suplente do Senador José Agripino Maia (PFL-RN), Dário Macedo.

'Beija-mão' testará prestígio de Collor

BRASÍLIA — O Presidente Fernando Collor vai ter hoje uma oportunidade de medir o apoio ao Governo no Congresso, quando deputados e senadores forem ao Palácio do Planalto apresentar cumprimentos ao chefe do Executivo pela comemoração do Natal e passagem de ano. O "beija-mão" de fim de ano sempre permite averiguar a quantas anda o prestígio do Governo junto aos parlamentares — geralmente é concorrido, em começo de mandato, e melancolicamente esvaziado, no final, como ocorreu no último ano do ex-Presidente José Sarney, quando apenas cerca de 30 políticos compareceram à cerimônia.

Este ano, a apresentação dos cumprimentos, ao invés de acontecer em cerimônias separadas, será feita de uma única vez. Só foi mantida à parte a cerimônia de cumprimentos do corpo diplomático, realizada, ontem, com a presença de 90 Embaixadores e Encarregados de Negócios.

● O Porta-Voz da Presidência, da República, jornalista Cláudio Humberto, negou notícia publicada no jornal "Washington Post", segundo a qual o Presidente Bush, durante visita ao Brasil e a Argentina, teria recomendado aos Presidentes Collor e Menem o pagamento dos atrasados das dívidas externas dos dois países.

— Seria um desrespeito reduzir o Presidente dos EUA à condição de cobrador de bancos privados. Portanto, não é verdade — disse.